

## JURISTA E POETA (\*)

Prates de Macedo (\*\*)

Venço as emoções deste instante cinzento para trazer ao eminente e saudosamente colega **Coqueijo Costa**, o adeus e a despedida da Corte que tanto engrandeceu com operosa e fulgente judicatura.

Forrado de sólida cultura humanística, madrugou o pranteado colega para a vida do Direito e já no alvorecer da sua mocidade os mais altos encargos passaram às suas mãos e acabaram por revelar o jurista consumado, cuja atuação haveria de transpor as fronteiras do País em relevantes conclaves e prestigiosos organismos internacionais.

Os maometanos, ao entrarem em suas mesquitas, descalçam do lado de fora as sandálias, para significar que penetram no templo em que vão cultuar o Deus de sua fé, levando os corações limpos, como limpos vão os seus pés, que deixaram para além dos umbrais a poeira dos caminhos.

Ao galgar as escarpas da sua arrojada ascensão, atingindo o topo do alcantil neste sodalício judicial, aqui chegou **Coqueijo Costa**, pleno de boa vontade e consciência dos seus deveres, podendo-se afirmar, sem vacilação, que somente a lei e a sua consciência foram as balizas do seu comportamento, realizando aquilo que deve ser feito, seja ou não do nosso agrado, aquela justiça que falava Rui "mais alta que a coroa dos reis, mais pura que a coroa dos santos".

Se aos magistrados se outorgasse brasão de armas, poder-se-ia gravar no desse sacerdote da Justiça, como síntese de sua vida — aquela honrosa mas difícil condição do magistrado definida por D'Aguesseau:

"Poder tudo para a justiça, e nada poder para si mesmo".

Ele soube dignificar a missão que o destino lhe reservou, como juiz e mestre do Direito Social, e soube evidenciar que para os autênticos juizes a fórmula "nobreza de toga nunca será vazia de sentido", como afirmara certa feita, o "Batonier" Henri Robert, numa manifestação de desencanto e pessimismo sobre os juizes de França.

A imparcialidade de atuação, a serenidade de compostura, sempre lhanco com os iguais, generoso com os humildes, tinha o saudosamente colega o dom precioso de conquistar sem ofertas, de influir sem sugestões, de vencer sem ameaças, na modéstia exemplar com que os céus premiam os grandes espíritos, na discrição elegante dos sabedores autênticos, em suma, um guardião do decoro judicial, professando pelas vestes tálares aquele respeito quase supersticioso a que se refere Pierre Bouchardon.

---

(\*) Homenagem do TST à memória do Ministro Coqueijo Costa em Sessão Plenária de 11.02.88.

(\*\*) Prates de Macedo é Ministro Vice-Presidente do Tribunal Superior do Trabalho.

Felizes aqueles que, na passagem terrena, antes do mergulho no grande silêncio que nos falava Papini, deixam gravados sulcos profundos na consciência humana.

Extingue-se então uma vida, para ressurgir o espírito na germinação dos ideais que encarnou.

Não resisto ao impulso de fazer incidir sobre sua estimada figura um outro facho que lhe refletirá mais um prisma da sua rica personalidade, refliro-me ao raro mérito de ser um só tempo, cultor do Direito e cultor das Letras, assim como, uma alta sensibilidade musical.

Em seu livro de crônicas — “Mais dia menos dia” — impressões fugitivas de passagens e emoções de sua vida, a prosa se torna poética e a poesia se disfarça em prosa.

É uma ronda de gênios alados, cenas da infância longínqua, pessoas familiares, a poesia das coisas cotidianas, em que as imagens atingem tonalidades líricas, como a sua alegria de avô, descrita em “bem-vinda-estrela da madrugada” — Marúcia — minha neta.

Na balada “doente”, música e versos de **Coqueijo**, gravada por Agostinho dos Santos, já revelava preocupação e angústia com o seu destino:

“Estive doente,  
doente de tudo  
estou em repouso  
não posso escrever.  
Eu quero um punhado  
de estrelas maduras  
eu quero a doçura  
do verbo viver”.

Tristes dias esses que vão cavando o silêncio de vozes amigas, mal se extinguem, quando ainda não acreditamos que emudeceram, tornando realidade os expressivos versos do poeta:

“O que mais dói na marcha para o ocaso  
é assistirmos, tombando cada dia ao pé de nós,  
mais um da companhia  
e vermos, por igual, nos minguar o passo”.

Por isso, sobe **Coqueijo Costa** agora, até o selo de Deus, nas asas da morte, como o orvalho da terra se alevanta ao céu, num raio de sol.

Como diz o velho vate gaúcho Mário Quintana, poeta **Coqueijo Costa**:

“A vida é um incêndio: Nela dançamos salamandras mágicas.

Que importa restarem cinzas se a chama foi bela e alta”.

Cabe, por fim, neste instante gris, melancólico, recordar as palavras com que Hemingway encerra o seu admirável e pungente livro — “Por quem os sinos dobram”, citando John Donne:

“A morte de qualquer homem me diminui, porque pertença ao gênero humano. Assim, nunca perdentes por quem os sinos dobram: Eles dobram por ti”.